

No rastro de Fawcett: a guinada de João de Minas rumo à literatura popular de aventura nos anos 1930

In Fawcett's trail: the shift of João de Minas towards popular literature of adventure in the 1930s



Leandro Antonio de ALMEIDA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA, Brasil.

Contato: leandroalmeida@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a guinada rumo à literatura popular de massa feita pelo escritor João de Minas. No Brasil dos Anos 30, o mercado editorial foi marcado pela difusão da literatura popular de massa nos gêneros aventura, sentimental e policial, a partir de coleções lançadas pelas maiores editoras. Neste contexto, João de Minas estabeleceu o projeto de fundar o romance popular no País, que começou com a composição do romance de aventuras *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*. Publicado em 1934, as três partes da história mostram a virada do escritor rumo ao estilo ligado à ficção popular de massa.

Palavras-chave: João de Minas; mercado editorial; literatura popular.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the shift towards popular literature made by the writer João de Minas. In Brazil, in the 1930s, the publishing market was marked by the diffusion of popular literature in the adventure, sentimental and police genres through collections launched by major publishers. In this context, John Mines established the project of founding the popular novel in the country, which began with the composition of the adventure novel “*Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*” (*Horrors and Mysteries of the Unknown Backwoods*). Published in 1934, the three parts of the story show the changes of the writer towards the style connected to mass popular fiction style.

Keywords: João de Minas; publishing market; popular literature.

1. Um projeto de fundar a literatura popular nos anos 1930 no Brasil

Nos anos 30, o aumento do público leitor em razão das alterações no sistema educacional e no setor terciário, aliados e à substituição de importações após a crise de 1929, propiciou uma expansão da indústria editorial brasileira. O carro-chefe dessa expansão, além dos tradicionalmente lucrativos livros didáticos, foram os livros de ficção traduzida nos gêneros de aventura, policial e sentimental. (MICELI, 2001, cap. 2; HALLEWELL, 2005; SORÁ, 2010). Esses gêneros se

tornaram na época sinônimos de “literatura popular” – os termos “literatura de massa” ou “literatura de entretenimento” ainda não circulavam – no sentido de serem os mais procurados pelo público (logo, lucrativos para o editor), tanto pelos enredos repletos de lances imaginosos capazes de despertar emoções e prender o leitor, como por sua prosa de fácil leitura – ou, numa vaga definição da época, “aquelas obras de ficção que ele [o povo] facilmente lê e compreende sem o auxílio do dicionário”. (SIQUEIRA, 1934, p. 5). Uma das opiniões precisas sobre essa segmentação foi feita na época pelo editor da Civilização Brasileira, ligada à maior empresa do ramo, a Companhia Editora Nacional:

Há ‘vários’ públicos, alguns já existentes no Brasil há muito tempo, outros, que só agora vem se formando. Por exemplo: o público que prefere, nessa mesma ordem decrescente, o romance – o conto – a crônica – a poesia, é antigo em nosso país. Atualmente ele se desenvolve, menos no que diz respeito à poesia, que continua cada vez mais sem leitores. *Este público nada tem a ver com o vasto e numeroso público de leitores de romances policiais e livros de aventuras, gênero que arrasta, talvez, a grande maioria dos leitores brasileiros.* Há, um outro público, este novo, que só agora aparece e se forma. É o que, nestes dois últimos anos, tem voltado as suas vistas para os chamados ‘clássicos’ [como Platão, Ésquilo, Sófocles]. [...] sem esquecer ainda, o público das biografias, um dos mais numerosos. (O QUE, 1938, p. 403, grifo nosso).

À frente dessa expansão, uma questão que chamou atenção de escritores e editores anos 1930 e 40: como lidar com “a existência de um público de leitores cujas preferências e escolhas em matéria de leitura são um tanto independentes dos juízos externados pelos detentores da autoridade intelectual”. (MICELI, 2001, p. 155). A grande quantidade de leitores desses gêneros colocou dois problemas aos produtores culturais do País, fossem escritores, editores ou intelectuais: eles prejudicam a expansão da literatura erudita? O fato de serem traduzidos ameaça a brasilidade? As respostas oscilavam entre sua condenação áspera, defendendo-se a erradicação ou, no mínimo, saneamento cultural; a utilização desses gêneros como iniciadores do hábito da leitura ou veiculação de valores morais; e a defesa da validade da sua função de entretenimento, o que não significava concorrência com a literatura erudita.

O escritor Menotti Del Picchia foi um dos que aceitaram o desafio de atuar nos gêneros populares no Brasil, começando pelas aventuras. Lançou em 1930 o livro intitulado *República 3000*, posteriormente rebatizado como *A Filha do Inca*; em 1936, lançou *Kalum, o mistério do sertão* e, em 1938, na ficção científica, *Cummunká*. Atento ao movimento editorial, Menotti explicita o projeto no prefácio de *Kalum*:

O número de traduções de livros de aventuras destinados ao público brasileiro inunda o mercado. A procura que encontram tais volumes demonstra a preferência dos leitores nacionais pelo gênero. Os escritores nossos, sempre acastelados na sua

‘torre de marfim’, reclamam contra a invasão mental forasteira, mas, não descem das suas estelares alturas para dar ao leitor indígena o que ele pede. Esse orgulho está errado. Escrever romances populares é prestar ao país um duplo serviço: é nacionalizar sempre mais o livro destinado às massas e abrigar nossa literatura, imergindo a narrativa, que distrai e empolga, em ambiente nosso. É essa a melhor forma de se socializar o espírito da nossa gente e nossa paisagem. (PICCHIA, 1946, p. 139).

Menotti del Picchia retoma sob uma chave nacionalista vários dos termos das opiniões correntes nos anos 30 sobre essa literatura. Considera a divisão entre o gosto dos intelectuais e do mercado, com o isolamento dos primeiros, aponta as reclamações contra o livro estrangeiro, mas não se satisfaz com as soluções de repeli-los ou aceitá-los. Proclama uma postura saneadora, não mais do gosto, que aceita como inevitável pelo público, mas do conteúdo exógeno. Para ele, não apenas os leitores sairiam ganhando ao terem à disposição uma empolgante narrativa ambientada no seu próprio país. No prefácio do volume, o autor deixa claro os propósitos cívicos, apontando a ameaça dos livros estrangeiros que abarrotavam o mercado: “os moços começam a pensar e a agir sob a influência desnacionalizante de tais narrativas, descaracterizando-se nossos usos pela presença nelas de um sugestivo panorama e de tipos completamente alheios à nossa paisagem geográfica e humana”. (PICCHIA, 1946, p. 139). Então o escritor, além de ter à disposição um mercado aberto com a “nacionalização” dos gêneros mais vendidos, iria prestar um enorme serviço à pátria. Bastaria apenas descer, de vez em quando, da estelar torre de marfim da alta literatura, que estaria sempre lá para quando quisesse novamente subir.

Neste artigo, vamos explorar a produção de um autor, João de Minas, cujas opiniões contrariavam o pressuposto que subordinava a literatura popular à erudita. Ao se defender de uma crítica em 1935, polemicamente condensa as questões levantadas até aqui:

Há semanas um eminente crítico literário, tratando de um livro meu, creio que nas colunas d’ ‘A Noite’, recordou minha estreia literária. Eu teria estreado escrevendo bonito, falando doutor, cheio de estilo... E agora – segundo o nobre crítico – eu escrevo fácil com uma agilidade jornalística, o que para o honrado mestre é um crime. Acha S. Ex. que o escritor direito, familiar, de colarinho limpo, etc, é o gajo que escreve escuro, pesado e encaracolado. Como esse fulgurante pobre diabo que foi o dr Euclides da Cunha, suponhamos, um homem que apenas com um rijo livro tem feito dormir o Brasil inteiro. Não. Eu prefiro ser leve, fácil, jornalístico... e lido. Prefiro ser como agora. Um fato curioso. Quando faleceu João Ribeiro, meu amigo escritor imenso, eu fiz uma enquete popular, perguntando aos humildes se eles conheciam o saudoso acadêmico. Quase ninguém o conhecia. Eu ainda me lembro que tive medo dessa glória maravilhosa... de que o povo absolutamente não tem notícia. Donde se conclui que o escritor sublime alfabetiza pouco as massas, sendo só lido por uma meia dúzia de sábios e críticos pavorosos. Ora, o mundo coletiviza-se vertiginosamente. Logo, o escritor que se isola nas igrejazinhas miríficas suicida-se. Os livros brasileiros até há pouco sofriam uma bruta concorrência dos ditos estrangeiros, por isto: o nosso livro não tinha o que se ler, no sentido fácil e popular; fazíamos muito estilo, discutíamos escolas literárias, brigávamos, perdidos no fundo de grêmios, academiuzinhas, fundações, num

sifilítico babuzar de elogio mútuo... Ora, o povo – ou as classes – não querem saber disso. Eu fugi desse caminho burro. Resolvi fundar o romance popular no Brasil. E tenho pena dos rapazes mentecaptos e importantes, aqueles!... (MINAS, 17/02/1935, p. 5).

O trecho apresenta uma intenção de falar de perto uma linguagem que tocasse a sensibilidade das massas, baseando-se na emergência das instâncias coletivas como sujeitos de cultura que prescindem das instâncias de mediação, como a crítica nos jornais e os pares, situação de rarefação das letras própria dos anos 1920. Sua atuação restrita e linguagem empolada seriam responsáveis por relegá-la, junto com os artistas e intelectuais que a sustentam, à lata de lixo da história – entendida como superação linear de formas e sujeitos não afinados com o espírito do tempo – por não conseguir se conectar à alma das massas numa época em que o mundo se coletiviza vertiginosamente. Sintonzado com o ambiente de renovação após a Revolução de 30, não é difícil perceber que João de Minas almejava o correspondente cultural daquilo que o fascismo, retomando ideais românticos, empreendera na política, uma relação sem mediações entre o líder e seu povo, afinados num mesmo espírito nacional. O que fundamentava esse ideal era a projeção no Brasil, em um futuro imediato, do desenvolvimento de um mercado de bens culturais, tal como existente na França e nos Estados Unidos, que transformava seus escritores de massa em *best-sellers* mundiais. Confiou na escalada de vendas do mercado editorial brasileiro e também nos prognósticos otimistas dos escritores e editoras na imprensa, procurando preencher um nicho de mercado considerado, com certo exagero, virgem, isto é, nacionalizar os gêneros de massa.

João de Minas foi um dos mais controversos escritores brasileiros do século XX. Nascido filho de um italiano radicado em Ouro Preto, recebeu o nome Ariosto Palombo (1896-1984), mas ficou conhecido nas rodas sociais pelo pseudônimo adotado no rastro da popularidade de João do Rio. Quando a família se mudou para a nova capital mineira, ele passou a colaborar nas revistas ilustradas, em 1913, até conseguir um emprego no Diário Oficial, dois anos depois. Circulando pelas redações e bares, em especial o Bar do Ponto, era considerado uma das mais excêntricas e irreverentes figuras da boemia belorizontina nos anos 1910. No início da década seguinte mudou-se para Uberaba, quando colocou seus talentos de jornalista e advogado sem diploma a serviço dos coronéis e políticos na região conhecida como Brasil Central.¹ Angariou clientela e hospedagem nas suas constantes viagens pela região, quando reuniu matéria sertanista que fez o sucesso dos seus livros de finais dos anos 20, coletâneas de artigos publicados na imprensa governista. O primeiro deles, *Jantando um Defunto* – um conjunto de contos sertanistas contra a Coluna Prestes lançado em 1929 –, foi elogiado pelos mais renomados escritores da Academia Brasileira de Letras, como Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto e João Ribeiro, o que levou o nome João de Minas ao rol das revelações literárias do então momento. O segundo, de 1930, foi *Farras*

com o *Demônio*, um livro sertanista que narra peripécias do autor numa viagem pelo rio Araguaia.

Pela sua militância em prol de Washington Luís e da candidatura à presidência de Júlio Prestes contra Vargas, ganhou emprego na capital federal no ano de 1930. Suas pretensões políticas, junto com livros no prelo, foram abortadas com a deposição do presidente em outubro. Fugiu e, anos depois, ao se radicar em São Paulo, procurou se inserir na nova ordem, trabalhando para o governo federal revolucionário ou para a oposição paulista, conforme as oportunidades. A fugacidade dos projetos políticos o levou, entre 1933 e 1937, a atuar no mercado de ficção massiva em expansão, focando seus esforços no lançamento de livros voltados ao público popular consumidor de gêneros de sucesso. Lançou *Mulheres e Monstros*, *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* e *Pelas Terras Perdidas* (aventuras sertanistas); *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, *A Datilógrafa Loura*, *Uma Mulher... Mulher!*, *Fêmeas e Santas*, *A Prostituta do Céu* (sentimental, com cenas à época consideradas pornográficas); e *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* (policial). Depois, a partir de 1935, reinventou sua faceta popular quando se transformou no chefe supremo de uma nova e eclética religião. Adotou o pseudônimo Mahatma Patiala e fundou a Igreja Brasileira Cristã Científica, que ocupou pelas três décadas subsequentes, talvez até a morte. (ALMEIDA, 2008, cap 1; FREIRE FILHO, 1999; SEIXAS SOBRINHO, 1990; JOSÉ, 1959).

Com esse rápido delineamento é possível compreender melhor o trecho citado, que se situa na guinada do escritor mineiro rumo ao que nos anos 30 e 40 se chamou de literatura popular. Vamos aprofundar essa virada a partir da análise da construção e divulgação de um dos romances de aventuras, *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*.

2. Em Busca do Coronel Fawcett – propagandas de um livro

No início de julho de 1933, após ter escrito para o *Diário Oficial de São Paulo* alguns artigos laudatórios à causa do petróleo, João de Minas integrou uma comitiva convidada por Monteiro Lobato para ser apresentada a seus ideais petrolíferos. (MINAS, 14/06/1933 e 28/06/1933). É muito provável que nessa ocasião João de Minas o tenha presenteado com um exemplar de seu segundo livro, *Farras com o Demônio*, que Lobato leu e elogiou efusivamente numa carta que termina com um convite: “João, venha cá no meu escritório outra vez. Não vi você 'direito' naquele dia, porque não imaginava que você fosse o estourado de gênio que é. Venha logo, que estou ansioso por vê-lo a fundo”. (LOBATO, 1933). Na visita seguinte, desta vez a sós, Lobato e João de Minas conversaram sobre literatura, tecendo críticas ao “sertanismo de gabinete” vigente nos escritores brasileiros. A conversa enveredou para as buscas amazônicas de Fawcett pelas cidades perdidas, animais pré-históricos e diamantes. Percebendo o interesse do interlocutor, João de Minas, armado com um caderno de notas, comenta que

[...] as páginas sobre o Araguaia, que o haviam deslumbrado, tinham um seguimento, ainda inédito. É que, logo depois de minha entrada pelos altos sertões goianos de Couto de Magalhães, eu penetra nos sertões mais tenebrosos de Mato-Grosso, no ponto em que se perdeu o sábio inglês Coronel Fawcett. [...] naquela visita a Monteiro Lobato, contei essa proeza ao ilustre escritor, mostrando-lhe um caderno de notas curiosíssimas, uma espécie de diário dessa viagem maluca. Monteiro Lobato, espírito dinâmico, que vai dar soberania ao Brasil, dando-lhe petróleo e siderurgia, pediu-me a ler o meu diário. (MINAS, 10/1933, p. 49).²

Dias depois, no gabinete de Dilermando, ao lhe devolver o diário Lobato teria dito: “você vai me escrever um volume a respeito da matéria deste diário, para a Companhia Editora Nacional. Já falei ao Octales”. João de Minas completa: “Fechamos o contrato do livro. A matéria que o leitor leu pertence a essa obra, sendo a respectiva divulgação na imprensa ‘Copyright’ da Empresa de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista”. (MINAS, 10/1933, p. 51).

Mesmo retendo certos direitos de divulgação para si e para sua empresa, João de Minas sabia que ter um livro publicado pela Nacional seria por si só uma grande promoção, devido ao prestígio da qualidade editorial, à rede de distribuição nacional ou pelos jornais em que eram veiculadas propagandas das obras. Encontrou em Lobato um leitor que, tendo sido dono da editora e naquele momento era seu principal consultor e tradutor, era o mais indicado para intermediar a publicação de uma obra brasileira em um gênero de bastante sucesso editado pela Nacional, os romances de aventuras das coleções Paratodos e Terramarear. Mas seria provavelmente publicado na coleção Romances e Contos Brasileiros, que reunia populares autores nacionais de diversos gêneros como Paulo Setúbal, Benjamin Costallat, Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato, Afrânio Peixoto e vários outros. A intenção do escritor mineiro era tão clara que ele levou os manuscritos para o encontro, apresentando a proposta após ter preparado o terreno com uma conversa sobre literatura sertaneja enviesada pela aventura, dois interesses claros de Lobato. A isca foi fisgada, pois meses depois o escritor mineiro ainda anunciava a Nacional como a editora do seu novo romance. Todavia, o contrato não foi adiante, pois o referido livro, intitulado *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*, saiu por uma pequena editora, a Livraria Record Editora (São Paulo), em fevereiro de 1934.

Ainda no prelo, a divulgação desse livro pelo autor pegou o rastro de uma das sensações do momento, as expedições em busca de Fawcett. Antes de se embrenhar pela floresta em 1925, o explorador inglês deu ordens expressas para que, caso não desse notícias ou não retornasse, nenhuma expedição fosse enviada à sua procura. Dado como perdido em 1927, mesmo assim tentativas foram feitas. A primeira, em 1928, foi organizada por um membro da *Royal Geographic Society*, George Miller Dyott. A expedição avançou na mata mas teve que retornar após lidar com grupos indígenas hostis, o que lhes levou a imaginar que Fawcett e os filhos estivessem mortos,

hipótese que foi negada pela família. Outras incursões foram feitas nos anos seguintes por pesquisadores, jornalistas, exploradores de vários países, mas sem sucesso conclusivo algum.

À medida que os anos passaram, nos jornais em todo o mundo começaram a circular hipóteses sobre o sumiço da comitiva. As mais pessimistas apontavam sua morte por fome, doença ou pela flecha de alguma tribo indígena. As otimistas consideravam que Fawcett estava vivo na Amazônia, em jornada ou como prisioneiro. Durante o “Mistério Fawcett” também se divulgaram inúmeras hipóteses mirabolantes, dentre as quais a de que ele se teria tornado eremita, chefe de tribo, líder na cidade perdida Z ou agente do governo britânico, em um plano para se apossar do interior brasileiro. (GRANN, 2009, cap. 20). A ficção ia além. O *Diário de Notícias*, por intermédio da *Folha da Noite*, divulgou um folhetim de título “O Mistério do coronel Fawcett”, uma narrativa do explorador Capitão Morris em busca do seu amigo no Mato Grosso. Morris persegue rastros do coronel, é atacado por indígenas bravios e, no capítulo mais mirabolante, encontra Lampião, que lhe conta como adquiriu a bolsa, o revólver e o compasso de Fawcett. (O MISTÉRIO, 1932, p. 4).

Seguindo tais tendências do momento, João de Minas alardeou seu novo livro nas revistas ilustradas e jornais. A divulgação iniciou-se com uma entrevista publicada em O Malho, número de 21 de setembro de 1933, seguido da reprodução, no número 28, de um capítulo da futura narrativa. A tônica foi enfatizar, como nos dois primeiros livros sertanistas, a veracidade da matéria contada. A entrevista anuncia a viagem, a morte “em circunstâncias trágicas e pavorosas” de membros da comitiva, a descoberta de monstros ou animais pré-históricos como o crocodilo-elefante, toponímia desconhecida como um lago misterioso, sob o qual repousam o resto de civilizações (egípcias ou fenícias) que supostamente teriam migrado para a América do Sul. O capítulo publicado no número seguinte referenda as afirmações ao informar se tratar “mais de uma reportagem do que de um conto”. (MINAS, 28/09/1933, p. 13). Dão veracidade à matéria as fotos de uma canoa com quatro pessoas que navega por entre uma paisagem apinhada de árvores, e uma porção de água refletindo o pôr do sol, com árvores e o céu ao fundo. As legendas que acompanham essas fotos relativamente vagas orientam a leitura: “no coração dos sertões matogrossenses. A expedição buscava a maravilhosa cidade pré-histórica, frequentemente, tinha de viajar em canoa, por longos e acidentados percursos”. (MINAS, 28/09/1933, p. 14-15).

Nesse mesmo dia 28 saía no jornal carioca *A Pátria* outra entrevista de João de Minas, que acrescenta elementos a suas afirmações. Baseada na entrevista ao Malho, a redação comenta o sucesso de crítica de seus livros anteriores e anuncia a matéria que causaria alarme num meio científico pacato: “promete provar num novo livro a existência de monstros pré-históricos, no alto sertão amazônico de Mato-Grosso, por ele vistos numa sua arrancada sertanista, novo bandeirante moderno e destemido”. Na sua fala, João de Minas menciona uma suposição de sábios europeus e norte-americanos sobre os sertões, com outras civilizações, cidades perdidas de origem fenícia e

animais pré-históricos ainda vivos. Em busca dessas maravilhas, as comitivas de estrangeiros que adentravam a Amazônia seriam de tal forma frequentes que inspirariam uma lei restritiva pelo Ministério da Agricultura. Cita como exemplos o relato de Conan Doyle (*Mundo Perdido*) como inspirado em uma viagem à Amazônia,³ a visita do presidente Roosevelt ao rio da Dúvida, a notícia de que Ford possuiria um pterodátilo vivo capturado no Pará e, é claro, o sumiço de Fawcett. (MONSTROS, 1934, p. IX).

O caso Fawcett é mais bem delineado pelo escritor mineiro num relato que saiu no início do mês seguinte no periódico quinzenal Revista Sul-América, para a qual colaborava desde janeiro de 33. Após publicar outro capítulo do futuro livro, uma narrativa da captura de uma onça pelos índios matolés,⁴ o autor anexou uma “explicação necessária”, na qual consta uma versão particular “que predomina nos meios autorizados dos sertões matogrossenses”. João de Minas mistura as informações circulantes e os aspectos fabulosos já citados com outros conspiratórios: se o explorador inglês, na sua busca pela cidade perdida no meio da selva, não tivesse morrido, teria se tornado rei desse riquíssimo lugar, repleto das “batatas minerais” (diamantes). Não só os catadores das minas de Goiás como a Coroa Britânica tinham interesse no rastro do explorador em busca de riquezas: “disfarçando em piedade o seu interesse por Fawcett, manda emissários em socorro do mesmo. Mas a Inglaterra quer é as batatas diamantinas, ou pelo menos as ilustres jazidas, parecidas com as da África do Sul”. (MINAS, 10/1933, p. 49).

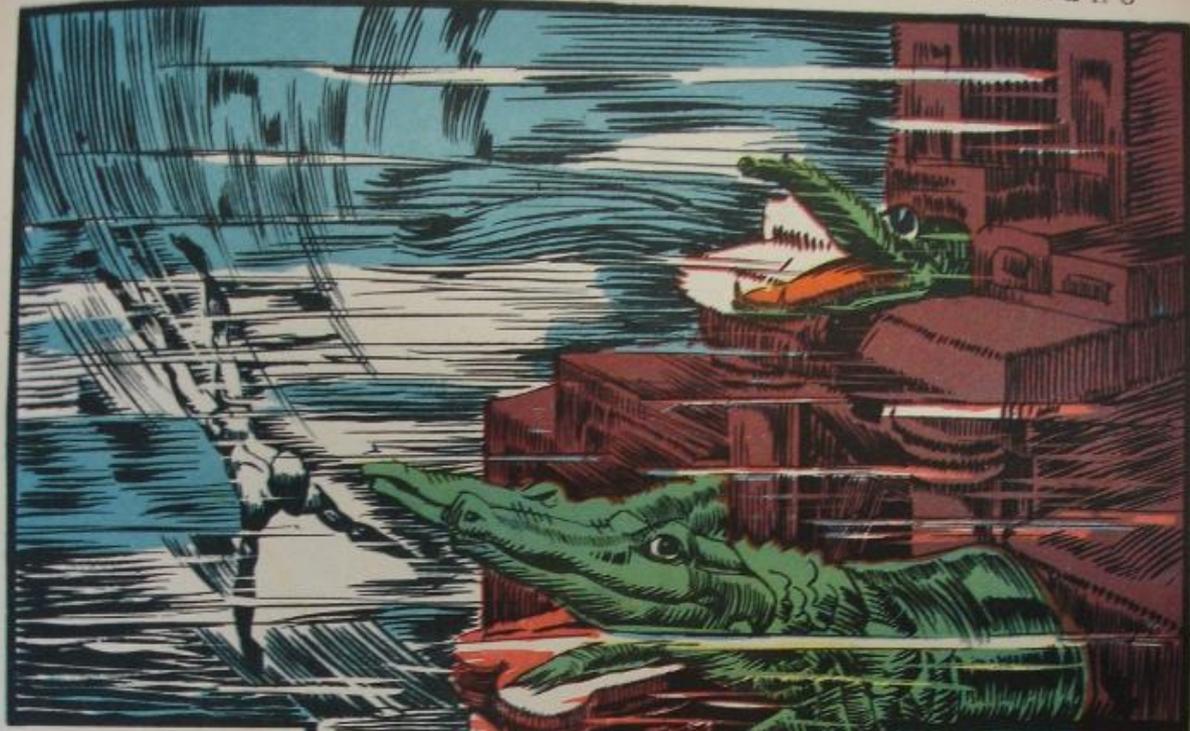
Em todos os textos para a imprensa, João de Minas reafirma a veracidade dos elementos fantásticos da sua viagem, a serem provados com farta documentação a quem desejasse. A explicação na *Sul América* termina com esse apelo:

Não faço, nunca fiz, sertanismo de gabinete, sertanismo de bigodinho cinematograficamente falando. A minha obra é científica, dura e penosa, e ajuda a descobrir o Brasil. A ciência oficial muita coisa não entenderá destes lances de brasilidade operante. Mas a ciência oficial é uma coitada, de perninhas moles! E não sai de casa, como medo de se constipar... Apelo, todavia, para as criteriosas Sociedades de Geografia e correlatas, do meu país. (MINAS, 10/1933, p. 51).

O prefácio autoral, que reproduz esse e outros trechos de entrevistas para convencer o leitor da veracidade das narrativas, termina no mesmo tom: “fora do livro, na imprensa ou pela palavra, travo com quem quiser o ônus da prova da verdade de tudo que narro. Estou às ordens”. (MINAS, 1934, p. XIII). Na divulgação das narrativas de aventuras, João de Minas parece aprimorar o recurso à verossimilhança que permeou suas obras políticas da década anterior: apela ao testemunho pessoal e de autoridades capazes de confirmar sua versão, usa o poder de criação de fatos da imprensa para divulgar suas versões, afirma a existência de suposta documentação guardada e divulgada, como fotos, cita notícias e fatos correlatos ao tema.

Sem precisar apoiar grupos políticos, essa prática está a serviço da promoção não só da obra, como do próprio escritor. Por exemplo, beneficiavam-se da ênfase na veracidade das narrativas as palestras dadas ao grande público, em geral realizadas em teatros da capital paulistana. Sobre esta estratégia de promoção, informa-nos o escritor Caio Porfírio Carneiro:

[...] tinha uma que ele queria provar que encontrou o jacaré-elefante. Diz que ele provava, e quando ele descia, e ele cobrava ingresso, quando o pessoal descia das palestras dele diziam que, saiam discutindo, porque alguns estavam convencidos que existia mesmo. Ele tinha um poder de convencimento incrível. Ele entrava por detalhes, ele dizia até a pulga onde estava no jacaré. (CARNEIRO, 2006, p. 8).



Alì estavam, já há uma semana talvez, sem nenhuma novidade de relevo, caçando e pescando burguesamente. Antenor capinou as barbas, pois havia por ali uma espécie de abelhas que implicava solenemente com as trinas da sua bucinca. Esses bichinhos pousavam inviolavelmente na bigodeira de Antenor, e começavam a brigar com os respectivos pêlos, chiando e enrolando-se neles. Não houve grêmio. O barbaqueme prestigioso do novo amigo, que ele costumava alisar nos momentos circunspetos, foi podado a navalha.

Armámos ali as nossas barracas, para mim, Antenor e Xoda. A tropa descansava, o mais possível. E o coroinheiro salgava caças para reforçar os mantimentos, como precaução ante as incertezas do futuro.

A região oferecia a grandiosidade dos sertões rigorosamente livres da intrusão mesquinha do homem civilizado. Em excursões de tres a quatro leguas, marcando a lagô, ainda não acháramos o seu fim. Era melhormente um lago, manso, sem ondas, estagnado numa grande paz plúmbea. Água muito boa de se beber.

Uma tarde, cheis de gloriosa luz, vínhamos eu, Antenor e Xoda, miolados nos nossos burros, de uma caçada pelas margens da lagô. Estávamos, talvez, a uma legua do acampamento, e fizera durante o dia um calor intenso. Antenor pegou a borraça de pinga, o nosso aperitivo, desolhe uma brinca cônica, e puxou a tábua. Parou, olhando enasmerado para um poço ao nosso lado, onde a água perissima tinha reflexos de madreperola, sob uma larga pincelada de luz. A margem do poço era de pedra, umas lajas ariscadas em que o sol, por sua vez, punha lamininhas de diamantes e esmeraldas. A natureza preparava-se para dormir. Havia nos espaços transparencias de gar e baldeões femininos das almas claridades.

— Vou tomar um banho, para o jantar... — surtiu o novo chefe.

Apelamos. Eu fiquei postado para os vãos brancos e rosos das garças e colibriões. Notei que havia uma espécie de marreco, que viviam em linha recta para cima, num toro para o céu. E se dissolviam, se apertavam nas nuvens.

— Ué! — bufo Antenor, já só ao mergulhar a água.

Eu levei um susto, supondo um perigo por ali.

— Olha uma torre dentro d'água... — mostrou-me ele.

Vimos, então, na claridade serena do



poço, o recorte de uma torre, e que chegava a uns tres metros abaixo da superfície. Era emocionante. Ficámos olhando aquela construção lavada, de estupefaciente ternura, macia, com visíveis característicos encantados. A água, às vezes, tremia hafejada pela brisa, e a torre submergia como que se mexia toda, sacudindo sutilmente casquinhas de luz, luzinhas, oibinhos de ouro remoto.

Havia, por cima da misteriosa construção, grandes rodas, talvez de bronze, prováveis despojos de carros de assalto de guerras imemórias. E fomos distinguindo, lá bem no fundo, algumas cabeças de monstros, que deviam ser esculpidas em marmora, possivelmente representando deuses terríficos de uma civilização extinta, que passara por aquelas regiões, e ficara sem história e sem nome.

Quando a água tremia, os monstros do abismo pareciam viver, acordavam, oscilavam as mandíbulas feroces. Aquilo era uma ilusão de óptica. Mas apavorava.

— Por aqui andaram civilizações... — suspirei, como se falasse no ambiente evocativo de um santuário. O meu coração desabrochava em lirios pálidos, de saudade de nostalgia, como si eu tivesse vivido por detrás do muro de milénios desse penado sem fim. Vinha-me uma sensação de ser a mageste gloriosa do nada, porque o nada justamente é que é tudo, e fabrica o tempo e o espaço. Aquela torre sem história, ela mesma, um dia fatalmente não tinha sabido do nada?

— Eu é que não tomo banho neste poço danado... Mas aqui deve haver algum tesouro. Essas casas velhas não raro têm surpresas agradáveis... Uma vez, eu era pequeno, um tio meu achou um tacho de moedas de ouro no afo de uma igreja de pedra, abandonada no sertão do Piraguay...

Enquanto assim falava, Antenor se vestia.

Montámos de novo, e fomos combinando um plano de exploração da igreja submergia, porque Antenor ignorava que se tratava de uma igreja, e de legítima.

Xoda, com o devido respeito, dissuadiu: — Mãe, essa curral igreja é seringa de santo. Animo, ali num pédo si igreja. Vão-ê num via lá aquelas cura de droncos?

Antenor, com a sua competência fácil, rebatou: — Isso é porque o povo naquilo tempo era mais esperto do que hoje. Os droncos e os santos conseguem imprimir com mais facilidade representados em figuras fuzadas.

Um monstro prehistórico, o crocodilo mamuth, vivo num lago misterioso de Matto Grosso.

João de Minas
Ilustrações de Monteiro Filho

A aventura arripante narrada nestas paginas foi vivida pelo autor, no decorrer de uma viagem realizada nos sites sertões de Matto Grosso, onde fora ter, precisando de descrever uma misteriosa cidade prehistórica, em 1928. Trata-se, pois, mais de uma reportagem do que de um conto.

Figura 1 – Primeira página da narrativa de João de Minas publicado em O Malho, 1933.

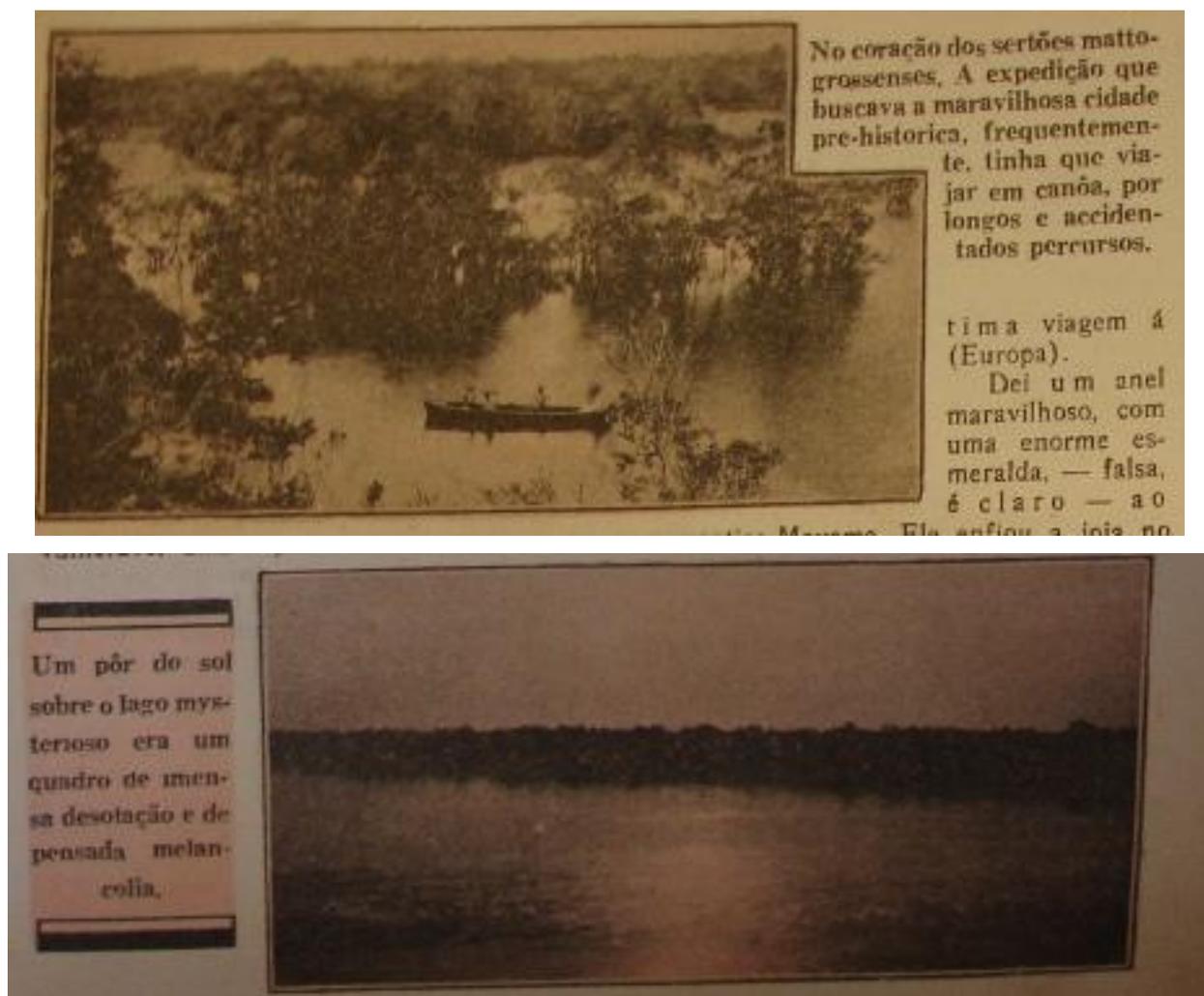


Figura 2 – Imagens de paisagens que ilustram o conto acima, dando veracidade à narrativa.



Figura 3 – Entrevista de João de Minas a *O Malho*, sobre sua viagem ao Mato-Grosso.

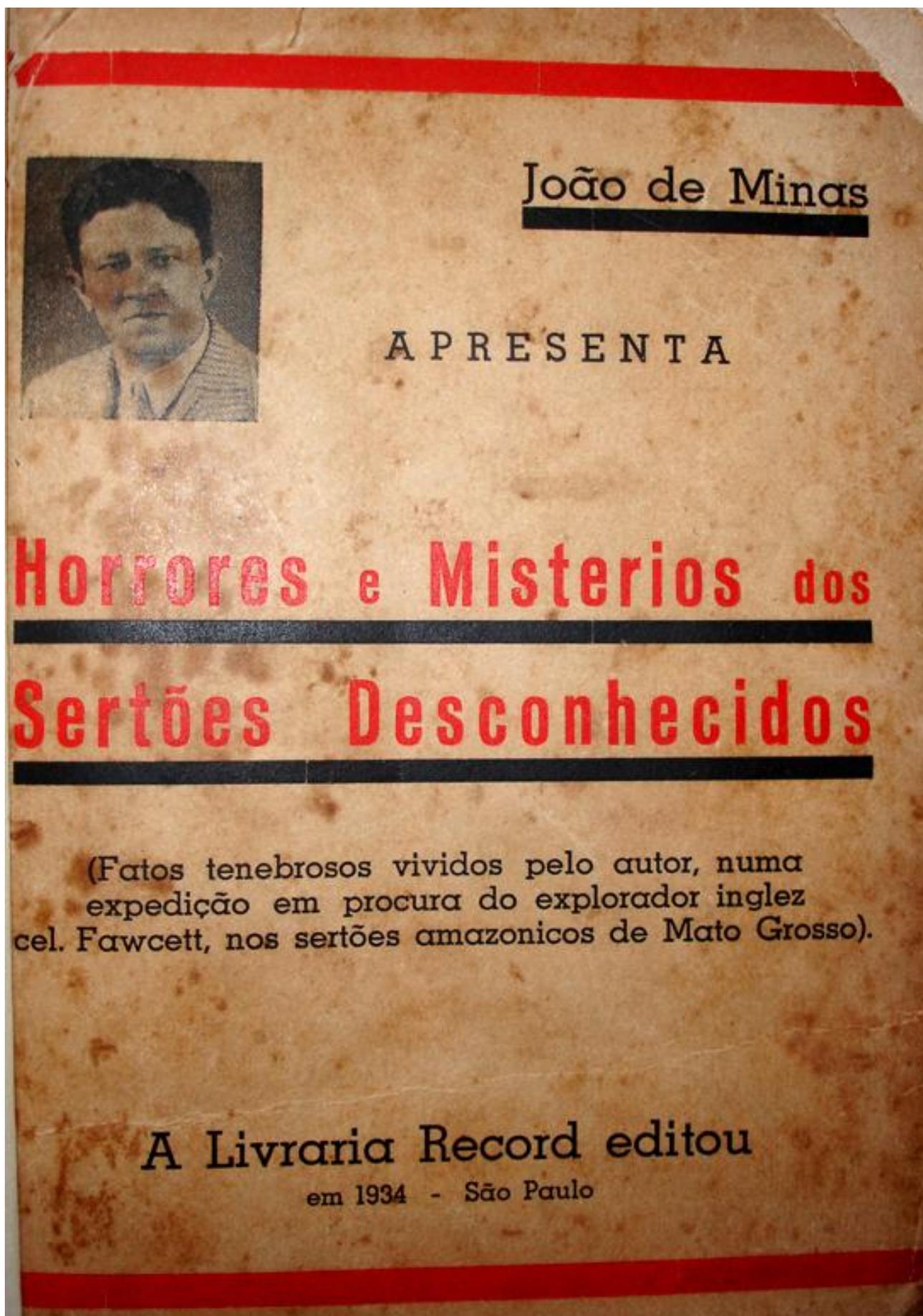


Figura 4 – Capa de *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*, 1934.

3. Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos: *as partes de um romance de aventuras*

A obra mantém a mesma perspectiva. Ao observarmos a capa vemos que, apesar de tipográfica, o destaque gráfico é a foto do escritor, com uma expressão facial bravia, olhar penetrante rumo ao observador, que parece sugerir temeridade necessária para uma aventura como a que propõe relatar. O título é destacado não só pela cor vermelha, contrastando com o sublinhado preto, como, novamente, reúne termos sugestivos das emoções do texto (horrores) quanto das novidades fantásticas que promete (mistérios, sertões, desconhecidos), semelhantes às notícias sobre o tema. Mas é o subtítulo que especifica o assunto, fazendo gancho com os relatos jornalísticos da época: “fatos tenebrosos vividos pelo autor, numa expedição em procura do explorador inglês cel. Fawcett, nos sertões amazônicos de Mato-Grosso”.

A narrativa contada em 23 capítulos pode ser dividida três partes. Na primeira, entre os capítulos um e seis, o narrador João de Minas e Antenor, um paraguaio que se tornou coronel em Cuiabá, decidem sair em busca da cidade perdida de Fawcett, onde acreditam haver diamantes. Juntos com um guia caboclo de nome Xoda e um indígena matolé chamado Kaii, lideram uma comitiva rumo ao sertão profundo de Matogrosso. Embrenhados na floresta, enfrentam uma série de aventuras envolvendo animais como a onça perseguidora de Kaii; um crocodilo pré-histórico no fundo do lago, que devora um índio da comitiva; uma sucuri ágil em terreno seco; uma imensa ave de rapina que, vendo sua companheira capturada pela comitiva, assassina-a e se suicida com uma erva venenosa. A comitiva também adota um macaco batizado de “Brasil Maior” e uma cobra não venenosa, a “Legalidade”, devoradora dos mosquitos que incomodam a trupe. O guia Kaii, além de defender o grupo com seu conhecimento da floresta e dos animais exóticos, é o responsável por explicar os estranhos fenômenos da paisagem, como coqueiros que boiam no lago, dando a impressão de uma floresta em movimento, as plantas de folhas com água gelada, ou a região pantanosa cujo chão suga aquele que nele pisa, uma espécie de areia movediça.

Os seis capítulos iniciais de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* foram os primeiros a ser compostos. Originaram-se de uma versão não publicada em livro da aventura de Fawcett que João de Minas queria escrever em meados dos anos 20. As partes anteriores versariam sobre uma cronologia exata da vida do protagonista Fawcett até a Primeira Guerra Mundial, seu plano nos anos 20 para descobrir a cidade perdida de Z, e um perfil detalhado do explorador inglês, baseada na obra de Conan Doyle. A quarta parte trataria da última viagem de Fawcett, com as fantasias descritas acima, junto com as informações que João de Minas publicou na imprensa. O romance seria contado ao narrador por Kaii, que nesta versão seria o guia de Fawcett e lhe ensinaria a língua matolé. O final seria aberto: Percy poderia ter sido devorado pelos xavantes ou ser um rei riquíssimo na cidade encontrada. (MOURA, 1989, p. 230-4).

O escritor mineiro retocou a história publicada em 1934 para aproveitar a onda de expedições em busca do explorador inglês desde 1928, inserindo-se como membro da comitiva desbravadora. Acompanhado de um guia, o escritor mineiro dá a visão de um Brasil desconhecido e exótico para os leitores do litoral ou interior, apresentando-se como sertanista responsável por exhibir essas paragens ao público em primeira mão, sempre coroando as aventuras com uma explicação plausível, evocando a ciência de teor mirabolante. O caso do crocodilo elefante, tão alardeado na imprensa e nas palestras, é exemplar. A comitiva chega à beira do lago para acampar quando o coronel decide tomar banho:

- Uai! - bufou Antenor, já nu, ao mergulhar na água.

Eu levei um susto, supondo um perigo por ali.

- Olha uma torre dentro d'água – mostrou-nos ele.

Vimos, então, na claridade serena do poço, o recorte de uma torre, e que chegava a uns três metros abaixo da superfície. Era emocionante. [...] Havia por cima da misteriosa construção, grandes rodas, talvez de bronze, prováveis despojos de carros de assalto de guerras imemoriais. E fomos distinguindo, lá bem no fundo, algumas cabeças de monstros, que deviam ser esculpidas em mármore, possivelmente representando deuses terríficos de uma civilização extinta, que passara por aquelas regiões, e ficara sem história e sem nome.

Quando a água tremia, os monstros do abismo pareciam viver, acordavam, oscilavam as mandíbulas ferozes. Aquilo era uma ilusão de ótica, mas apavorava. (MINAS, 1934, p. 69-70).

A descoberta aguça a ambição de Antenor e João de Minas. Na esperança de encontrar um tesouro, oferecem um anel com esmeralda falsa para um exímio mergulhador indígena, Mayama. Na primeira investida Mayama trouxe uma placa negra, que João de Minas diz ter ficado em seu poder e oferecido de presente a Mussolini na Itália, “numa audiência cordial que o imortal chefe do fascismo me concedeu”. No mergulho seguinte, “um dos monstros de ouro moveu-se, abocanhando o nadador, mastigou-o aos arrancos, e o engoliu. Aquilo era horrível”. (MINAS, 1934, p. 74-5).

Nessa parte do livro João de Minas mantém o estilo dos livros sertanistas anteriores *Farras com o Demônio* e *Jantando um Defunto*. O gosto pelas cenas risíveis, como Antenor saindo nu da lagoa; elementos fantásticos ou maravilhosos, como as torres e as estátuas monstruosas; o encontro do narrador com personalidades renomadas como Mussolini, visando a reforçar a veracidade do ocorrido; o uso do grotesco, misturando o macabro com toques humorísticos, como o índio sendo mastigado “aos arrancos”; e o uso dos sentimentos menos nobres das personagens, como a ganância, que motiva toda a empreitada. Tanto que a aventura prossegue quando Antenor, desejoso de descobrir o segredo do lago, captura um bezerro órfão, amarra-o e o imerge no lago, vendo-o ter o mesmo destino de Mayama.

Longe de um passeio, as aventuras também são vivenciadas na narrativa. Horas depois de voltar ao acampamento, descobrem que saiu do lago na direção do grupo um crocodilo gigante pré-

histórico que, “sem ter as pernas curtas ou as nadadeiras de um crocodilo, era capaz de correr como um cavalo”. Tentaram metralhá-lo e, quando já comemoravam a vitória, descobrem que a carapaça protegeu o monstro. Então Kaii manda Xoda, com uma carabina, atirar nos olhos da fera. Ferida, rola e estrebucha de dor, até que outra rajada na barriga termina de ata-la. O gosto pelo grotesco retorna quando João de Minas julga ver “num daqueles rasgões, repontar um pé de Mayama, ainda guardado no estômago do crocodilo.”

Em seguida, depois do perigo, aparece outro traço das narrativas dos sertões profundos que reforça sua veracidade, a “explicação natural, ou científica, de tudo que acontecera”:

Aquele animal era, pelo seu tipo desconhecido nos nossos dias, um remanescente pré-histórico. Nos tempos imemoriais em que um povo provavelmente de origem egípcia ou fenícia, ali florescera, essa espécie de crocodilo devia ter sido sagrada, como se dava no velho Nilo. Daí o fato do templo erguido, e agora submerso no poço, reproduzir nas imagens monstruosas, e escamadas de ouro, justamente a cabeça do crocodilo que matáramos. Porque a torre debaixo d'água devia ser de um templo dedicado a esse deus de uma figa. Aquele povo desaparecera, a sua glória se fundira no pó noturno dos tempos. No entretanto, mais resistente, aquela espécie de crocodilo continuara parada num degrau da evolução. [...] O certo é que o nosso crocodilo morava ali com os símbolos ou estátuas da sua grandeza passada. A profundidade da água, a semelhança das cabeçorras, as tremulinas da brisa sobre a água, em baixo um pouco toldada quando o crocodilo se mexia na sua loca – tudo isso, com o nosso especial estado de espírito, foi que nos fez ver uma das cabeças esculpidas comer o bezerrinho. O mesmo fato se dera com Mayama. Era, porém, o crocodilo que agia. (MINAS, 1934, p. 86-8).

Se todas as outras “maravilhas” da fauna, flora e populações indígenas são, como nos livros anteriores, consideradas próprias dessa região Amazônica, evocando o mito da natureza intocada, no trecho acima João de Minas lança mão de uma fecunda controvérsia arqueológica brasileira, difundida nos anos 20 e 30, a presença de civilizações fenícias ou egípcias na América do Sul. O tema é debatido desde meados do século XIX dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, baseando-se tanto numa visão negativa sobre os indígenas brasileiros, considerados incapazes de escrever e construir edificações, quanto na vontade de estabelecer algum laço de origem com a antiguidade europeia, reforçando-se os vínculos identitários com a “civilização”, visto que algumas tribos nativas foram consideradas descendentes daqueles povos. As provas da presença de povos civilizados no Brasil seriam dadas pelo estudo etimológico, que reconhecia semelhanças vocabulares entre as línguas nativas e do mediterrâneo antigo; pela escrita em caracteres demóticos, hieróglifos ou fenícios nas pedras e cavernas (a mais famosa está situada na Gávea, Rio de Janeiro); bem como os monumentos encontrados, fruto de trabalho arquitetônico elaborado, além da capacidade dos indígenas considerados primitivos.

No final dos anos 1920, dois importantes trabalhos alimentaram a discussão: *Inscrições e tradições da América Pré-Histórica*, dois volumes do amazonense Bernardo Ramos, 1930 e 1939

(póstumo) (SILVA, 2010); e *Antiga História do Brasil – de 1100 a.C a 1500 d.C*, de Ludwig Schwennhagen, em 1928. Este austríaco radicado no Piauí conhecia a produção passada e contemporânea sobre o assunto, inclusive a de Bernardo Ramos ainda no prelo, todas, para ele, contribuindo para encerrar a questão:

[...] está largamente provado que existiu, no primeiro milênio antes da era cristã, uma época de civilização brasileira. Já conhecemos dois mil letreiros e inscrições espalhados sobre todo o território brasileiro e escritos nas pedras com instrumentos de ferro ou de bronze, ou com tintas indeléveis, quimicamente preparadas. (SCHWEIHAGEN, 1986, p. 27-8).⁵

A versão utilizada por João de Minas provavelmente foi extraída de um explorador também conhecido de Schwennhagen, um francês chamado Apollinaire Frot que, tendo percorrido o País, radicou-se na Bahia. Ao viajar pelo planalto central, na região de Goiás e Mato Grosso, o francês teria feito uma descoberta tão impressionante que hesitava em publicar os resultados: os egípcios na verdade seriam descendentes de um povo originário na América do Sul, dominadores de um vasto império entre a Bolívia e a Bahia, que teriam deixado vários petróglifos como mapas para encontrar as minas de ouro nas quais trabalhavam. Os mitos indígenas locais se refeririam a essas minas e cidades, as quais no presente estariam encobertas pelas selvas e pântanos, guardadas por animais ferozes, alguns pré-históricos.⁶

Como vemos, estão presentes nessa versão de Frot todos os elementos do episódio divulgado na imprensa e no livro de João de Minas, que a reformulou em sua viagem sertanista em busca de Fawcett, literal e literariamente dando vida e realidade a essas discussões sobre civilizações europeias perdidas, riquezas de um eldorado e monstros antediluvianos. Daí a referência, no prefácio e na imprensa, ao debate que o autor travaria no interior das sociedades geográficas do País, em que essas teses eram difundidas.

Na segunda parte, capítulos sete a dez, a aventura arrefece e ganha primeiro plano um delírio quixotesco entre Antenor e João de Minas, páginas de sátira à política brasileira. O coronel tem a ideia de se apossar de terras nos sertões amazônicos e fundar uma república separada da brasileira. Com o poder subindo à cabeça, declara-se presidente e nomeia João de Minas seu vice:

[...] o bem público está em primeiro lugar... Assim, logo coordenarei os meus esforços no sentido de dar um governo republicano a estes domínios. Para prestar esse relevante serviço a esta nação, é claro que vocês todos me elegem o presidente. Sabendo de antemão dessa boa vontade do meu povo, eu desde já me considero o presidente deste estado. E você é o vice-presidente da república. Aceite, porque, com a minha finória observação da vontade popular, estou certo de que é este o desejo dos nossos amigos... (MINAS, 1934, p. 122-3).

Os diálogos subsequentes nem sempre se valem do cinismo; beiram o maquiavelismo as

reflexões sobre o poder, o estado, a força, o povo, o exército, eleições, petições, nepotismo etc. Por exemplo, à pergunta cabal do narrador “como havemos de ser governo, se não temos zé povinho?”, o presidente responde:

[...] povo é uma cousa sempre mais ou menos imaginária. É como se não existisse. Note o amigo que sempre que se fala em povo, fala-se como se fosse uma unanimidade. Mas essa unanimidade na boca de cada partido político, ou facção, pensa de um modo diametralmente oposto, e está sempre no lugar que não se sabe o que é. (MINAS, 1934, p. 126).

O narrador, entrando no jogo, mostra ironicamente a distância entre os ideais de grandeza no serviço ao Estado e o bem pessoal adquirido nesse posto, que suscita sede de poder: “é certo que eu e Antenor não éramos já os mesmos simples mortais. Entrara-nos a cogitação do bem público, como um ópio, uma cocaína reveladora do nosso oculto gênio de estadistas”. (MINAS, 1934, p. 136). A motivação pessoal travestida de bem público também é uma característica desse narrador dissimulado:

Certa vez, Antenor me falou, presidencialmente:

– Oportunamente, discriminarei a verba competente, para que se funde aqui um gabinete de pesquisas meteorológicas e astronômicas.

Ouvindo falar em verba, senti cócegas no meu devotamento pela coisa pública. Lembrei-me de uns parentes que teria a colocar. E observei, com a devida circunspeção, ao primeiro magistrado:

– E, se se tem de fazer essa obra meritória, que a imprensa abençoará nas suas ordeiras colunas, que se faça um serviço modelar, que fique como um monumento...

Tomei um ar compungido, sacrificando-me pelo bem público:

– E não nos esqueçamos que a base desses relevantes cometimentos são uma boa dose de funcionários públicos, muito bem pagos, para que as suas respeitáveis famílias não sofram as agruras da crise! (MINAS, 1934, p. 140-1).

O uso do cômico e da paródia em seus livros anteriores nunca chegou perto dessa virulência contra o sistema político, mas se destinava a atacar os inimigos ou satirizar os costumes e tabus como o adultério, o flerte, a ganância etc. Além de outros elementos na narrativa, essa paródia política é um forte indício de que esta parte deve ter sido composta após a Revolução de 30, visando ao governo Vargas. O tom do conflito político, para a manutenção dos interesses do poder, aparece desde o início de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, quando João de Minas é enviado a Campo Grande por um senador para resolver um conflito entre coronéis que pode comprometer o sistema de alianças do PRP. Mas é nesses capítulos quixotescos que tais grupos se tornam alvo principal da sátira do autor. Esta representa o cinismo das autoridades e políticos atrelados ao governo que apregoam o serviço ao bem público em seus discursos, mas mantêm é a intenção, a prática de se apoderar da máquina do Estado para benefício privado próprio, de familiares ou

amigos.

O delírio começa a se dissipar quando se inicia a última parte da narrativa, entre os capítulos 11 e 23. A história dá outra guinada, transformando-se em um *thriller* cinematográfico. A comitiva, ao sair da floresta densa, descobre um esqueleto com o crânio quebrado e, mais adiante, cinco corpos carbonizados amarrados em estacas. O mistério se estabelece para o grupo, que inicia uma investigação. Numa clareira, Kaii mata um homem com sua lança, deixando solta uma mulher morena, Mary Arlen. O simples fato de ela admirar os brasileiros faz Antenor esquecer seus devaneios e assegurar sua nacionalidade para impressionar a moça que, em nove páginas, conta a rocambolesca história de como fora parar no meio do sertão.

Mary tem origem mexicana, mas até a morte de seus pais morava em Chicago, quando se mudou para Detroit para trabalhar como datilógrafa nas fábricas de Ford. Lá conheceu seu noivo, o engenheiro Fathe Merryl. Quando ambos estavam prestes a sair da empresa para trabalhar em Hollywood, Ford encarregou Fathe de supervisionar plantações de borracha no Pará e explorar as regiões sertanejas do Brasil em busca de ouro, petróleo ou diamantes. O engenheiro se fez acompanhar por um amigo, o príncipe russo Ilzer Savaniky e seu vassalo Karló. Quando Fathe descobriu a mina de diamantes, teve a intenção de comunicar a Ford, mas o príncipe russo, ambicionando explorá-la sozinho, matou o engenheiro americano, queimou numa estaca cinco garimpeiros que se rebelaram e começou a aliciar a noiva de Fathe para que ela cedesse a seus desejos sexuais. Mary foi aprisionada, constantemente vigiada por Karló (o homem morto por Kaii), enquanto o príncipe russo vendia os diamantes, cuidava da propaganda comunista na América do Sul e gerenciava o negócio de escravas brancas, a Zwig Midal, a partir de Buenos Aires.

Após ouvir a história, a comitiva liberta alguns mineradores escravizados e eles armam uma emboscada para o príncipe russo, que é aprisionado e morto numa luta livre contra Antenor. Este, apaixonado por Mary, desiste da busca a Fawcett e, com João de Minas e os indígenas, retorna trazendo a moça do garimpo para Cuiabá, onde a comitiva se dispersa e os índios retornam a seus povoados. Sem corresponder às aspirações amorosas do coronel, Mary decide retornar ao México, onde se torna freira. O narrador retorna ao Rio de Janeiro.

Nesta parte, as aventuras e maravilhas dos sertões quase desaparecem, exceto pela sugestão de existência de poço de petróleo e a mina de diamantes, que se torna o centro da ação e da ambição de todos os personagens envolvidos. Na versão não publicada do romance e na entrevista à Pátria em 1933, esses garimpos pertenceriam a “um certo e enigmático José Morbeck”, alvo de um boato pelo qual teria assassinado Fawcett. (MOURA, 1989, p. 234). A radical mudança nos temas e na narrativa, em seis meses, deve-se à tentativa de João de Minas de se valer de mirabolantes enredos ou trajetórias de personagens e explorar a polarização entre comunismo e capitalismo de meados dos anos 1930, valendo-se de mais uma das modas do momento para atingir um público amplo.

Todavia, apesar da simpatia a Ford e aos projetos americanos, a oposição está longe do maniqueísmo e dos finais inteiramente confortantes das histórias de aventuras, pois se ressaltam comicamente as contradições. Por exemplo, o romance termina no Rio de Janeiro, com o narrador mandando traduzir um bilhete russo encontrado com Karló, no qual a mãe deste pedia dinheiro para manter um orfanato. Após o tradutor, um judeu russo chamado David Salomão Hitler, elogiar a grandeza do morto e do povo russo, João de Minas, com sua ironia, arremata:

Como se explica que o bandido Karló roubava e matava no Brasil para, como um santo, fundar em Moscou um hospital e uma creche para criancinhas? E agora, sem ele, essas criancinhas voltariam a morrer pelas ruas de Moscou, de fome e de frio... Oh, que tortura a minha!
Entrei num bar, para beber, para esquecer...
Comecei também a estudar o comunismo, para conhecê-lo melhor... (MINAS, 1934, p. 287).

4. Conclusão

Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos começou com um enredo em torno da procura (das minas de diamantes) de Fawcett, semelhante na sua estrutura e objetivos aos primeiros livros sertanistas. Mantém deles a busca por incorporar no texto os temas palpitantes do momento e, no caso do gênero de aventuras, a afirmação constante da veracidade das maravilhas relatadas. Por outro lado já vemos elementos próximos de seus romances urbanos lançados a partir de 1934: na segunda parte, uma sátira explícita dirigida ao sistema político e social brasileiro, ressaltando as contradições e vícios morais das personagens; e também, na terceira, um *thriller* com mirabolantes reviravoltas narrativas e na trajetória das personagens, com um final “feliz”, mas não confortante – uma incitação irônica ao estudo do comunismo. Assim, *Horrores e Mistério nos Sertões Desconhecidos* permite visualizar, na sua estrutura em camadas, a guinada que o escritor deu rumo a maior folhetinização de sua prosa, que lhe daria prestígio junto às massas consumidoras desse gênero palpitante, aqui fartamente veiculada por meio de livros traduzidos lançados pelas coleções das grandes e pequenas editoras do País.

Pautado no aumento do número de leitores e na expansão editorial brasileira dos anos 1930, acreditou em uma renovação social que faria emergir as massas e submergir as igrejas literárias, junto com a crítica. Vimos que essa folhetinização foi acompanhada de uma propaganda do livro na imprensa que procurou catalisar a atenção em torno dos temas da moda. Primeiro, a partir de uma corrente intelectual que defendia ter havido grandes civilizações no território brasileiro, o que, junto com o retrato das maravilhas naturais dos sertões, era uma forma de responder ao nacionalismo vigente desde a década anterior. Junto disso, a narrativa dialogava com um relato de viagem que parecia tão quimérico quanto as fantasias do escritor mineiro: a busca pela cidade perdida de Z pelo

explorador inglês Fawcett.

Nos aspectos temáticos, narrativos, editoriais e propagandísticos, esse livro é a primeira de uma série de tentativas do escritor mineiro de responder a um problema da década de 1930: como criar uma literatura nacional popular – diríamos hoje, de massa ou de entretenimento –, expectativa de intelectuais da época que trataram da difusão desses gêneros. Mas, longe de elevar o padrão literário do gênero, o escritor mineiro procurou expressar-se por meio de uma linguagem verbal e narrativa acessível, como ao gosto das massas, o que significou aprofundar técnicas de efeito, incorporar recursos de propaganda, dialogar com as novas mídias, como o cinema falado, e com a situação política polarizada da época, satirizando, nesse processo, os novos donos do poder.

Referências

ALMEIDA, Leandro Antonio de. **Dos sertões desconhecidos às cidades corrompidas**: um estudo sobre a obra de João de Minas (1929-1936). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008.

A NOITE Ilustrada, 28 mar. 1934, p. 26-27.

CARNEIRO, Caio Porfírio. **Depoimento a Leandro Antonio de Almeida**. São Paulo, 26 out. 2006, 8 p.

FREIRE FILHO, Aderbal. Quem é Esse Cara? In: Minas, João de. **A Mulher Carioca aos 22 anos**. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, p. 211-266.

GRANN, David. **Z: A cidade perdida**, a obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2005.

JOSÉ, Oiliam. Sete Romancistas Mineiros. **Revista da Academia Mineira de Letras**, Belo Horizonte, v. XXII, p. 61-80, 1959-1964.

LOBATO, Monteiro. Carta a João de Minas. **Diário Oficial de São Paulo**, São Paulo, 18 jul. 1933, p. 2.

MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 69-291.

MINAS, João de. Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central. **Sul América**, out. 1933.

MINAS, João de. De um editorial d' "A Gazeta", de Outro do Monteiro Lobato, às finalidades americanas da política econômica do general Waldomiro de Lima. **Diário Oficial de São Paulo**, São Paulo, 14 jun. 1933, p. 6.

MINAS, João de. Em torno a dois telegramas, aos srs. Monteiro Lobato e Assis Chateaubriand, **Diário Oficial de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1933, p. 2.

MINAS, João de. Ouvindo e vendo Monteiro Lobato, ouvindo e vendo a imortalidade de Piratininga. **Diário Oficial de São Paulo**, São Paulo, 11 jul. 1933, p. 4.

MINAS, João de. Um monstro Pré-Histórico, num lago misterioso do Mato Grosso. **O Malho**, Rio de Janeiro, 21 set. 1933, p. 32.

MINAS, João de. Um monstro Pré-Histórico, o crocodilo mamut, vivo num lago misterioso do Mato Grosso, **O Malho**, Rio de Janeiro, p. 13-16, 28 set. 1933.

MINAS, João de. **Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos**. São Paulo: Record, 1934.

MINAS, João de. Cartas Mineiras de São Paulo. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 17 fev. 1935, p. 5.

MONSTROS Pré-Históricos nos Sertões Amazônicos de Mato Grosso. **A Pátria**, Rio de Janeiro, 28 set. 1933. In: MINAS, João de. **Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos**. São Paulo: Record, 1934, p. IX-XII.

MOURA, Antonio José. **Sete Léguas do Paraíso**. São Paulo: Global, 1989.

O MISTÉRIO do Coronel Fawcett. **Folha da Noite**, 23 abr. 1932, 1. edição, p. 4.

O QUE se lê no Brasil. **Anuário Brasileiro de Literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, v. 2, p. 403-408, 1938.

PICCHIA, Menotti del. Prefácio a Kalum [1936]. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: A noite, v. 4, 1946.

SCHWEINNHAGEN, Ludwig. **Fenícios no Brasil** (Antiga História do Brasil) (de 1100 a.C a 1500 d.C.). Apresentação Moacir C. Lopes. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1986.

SEIXAS SOBRINHO, J. Sessenta anos depois tarefeiro da imprensa chega ao estrelato. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 2, sexta 04 jan. 1991, p. 8-9.

SILVA, Guilherme Dias. Traços da Antiguidade na selva: uma leitura das 'inscrições e tradições da América Pré-Histórica' de Bernardo Ramos. In: **X Encontro Estadual de História** – o Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional, Santa Maria, RS. UFSM, jul. 2010. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279499776_ARQUIVO_GDSanpuh2010-FINAL.pdf. Acesso em: 6 fev. 2012.

SIQUEIRA, F. Falta de Público. **Correio Paulistano**, São Paulo, 15 dez. 1934, p. 5.

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas**. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp/ComArte, 2010.

WILKINS, Harold T. **Mysteries of Ancient South America**. NY, London, Melbourne, Sidney: Rider, 1946

Notas

¹ Isto é, o oeste de Minas Gerais e São Paulo, Goiás e Mato-Grosso, antes de serem desmembrados.

² A referida conversa publicada na *Revista Sul América* em outubro de 1933 é precedida de um dos capítulos do livro.

³ Conan Doyle inspirou-se nos relatos e na figura de Fawcett para criar a ficção.

⁴ O mesmo capítulo foi divulgado também em *A NOITE*, 28/03/1934, p. 26-27.

⁵ Esse autor estabelece uma cronologia desse período antigo da história brasileira, considerando a presença desses povos.

⁶ Essa história sobre Frot foi ouvida no Rio de Janeiro em 1938 pelo jornalista WILKINS, 1946, p. 92-94. Uma história parecida foi contada por um correspondente do engenheiro francês, BRAGHINE, 1959, p. 153 apud SCHWEINNHAGEN, 1986, p. 26-7, n. 7. Ambos os relatos, por assumirem a veracidade dos relatos, são um índice da difusão da tese fenícia.

Leandro Antonio de Almeida é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Recebido em 07/03/2014

Aprovado em 30/07/2014